

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i27.634>

A REVOLUÇÃO RUSSA NO BRASIL: o imaginário e cultura política da imprensa anarquista (1917)^{1,2}

THE RUSSIAN REVOLUTION IN BRAZIL: the imaginary and political culture of the anarchist press (1917)

LA REVOLUCIÓN RUSA EN BRASIL: el imaginario y cultura política de la prensa anarquista (1917)

LEANDRO RIBEIRO GOMES

Doutorando/UNESP, Assis.

São Paulo-SP, Brasil

lerigom@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar as repercussões da Revolução Russa na imprensa operária anarquista do Brasil. As formas como foram representados os eventos russos em nossa imprensa operária, assim como os aspectos que tomaram o imaginário político anarquista brasileiro com esta revolução e o comportamento da cultura política operária a ela vinculada são o foco do nosso artigo. As especificidades dos meios de comunicação do período e as lutas políticas que ocorriam no país moldaram, de certa maneira, os contornos de como era vista e interpretada a revolução socialista da Rússia nos círculos que mais imediatamente se interessavam por ela: o movimento operário.

Palavras-chave: Revolução Russa. Imprensa operária. Imaginário político.

Abstract: This article aims to analyze the repercussions of the Russian Revolution on the Brazilian anarchist working press. The ways in which the Russian events were represented in our working press, as well as the aspects that took over the Brazilian anarchist political imaginary with this revolution, and the behavior of the workers' political culture linked to it are the focus of our article. The specificities of the media from that period and the political struggles that took place in the country shaped, in a way, the contours of how the socialist revolution of Russia was seen and interpreted in the circles that were most immediately interested by it: the labor movement.

Keywords: Russian Revolution. Labor press. Political imaginary.

Resumen: El presente artículo tiene por objetivo analizar las repercusiones de la Revolución Rusa en la prensa obrera anarquista de Brasil. Las formas como fueron representados los eventos rusos en nuestra prensa obrera, así como los aspectos que tomaron el imaginario político anarquista brasileño con esta revolución y el comportamiento de la cultura política obrera vinculada a ella son el foco de nuestro artículo. Las especificidades de los medios de comunicación del período y las luchas políticas que ocurrían en el país moldearon de cierta manera los contornos de cómo era vista e interpretada la revolución socialista de Rusia en los círculos que más inmediatamente se interesaban por ella: el movimiento obrero.

Palabras clave: Revolución rusa. Prensa obrera. Imaginario político.

¹ Artigo submetido à avaliação em agosto de 2018 e aprovado para publicação em janeiro de 2019.

² Artigo submetido à revista Outros Tempos em 17/06/2018.

Introdução

Ao se completar o primeiro centenário da Revolução Russa de 1917 surge a necessidade, entre os historiadores e outros pesquisadores das ciências sociais, de apresentar novos estudos, perguntas, interpretações e descobertas desse que foi um dos mais importantes eventos internacionais do século XX. Neste artigo buscamos contribuir com novas questões e discussões sobre a importância que este evento teve na dinâmica e no desenvolvimento do movimento operário no Brasil – por meio da análise de sua imprensa como fonte histórica. Portanto, de certa maneira, é um estudo que também envolve um olhar histórico para as repercussões internacionais dos acontecimentos russos – no caso, os seus impactos políticos, sociais e culturais no Brasil. Para tanto, analisaremos os jornais *A Plebe* (SP), *O Cosmopolita* (RJ) e *O Debate* (RJ), restringindo a nossa análise ao ano de 1917.³

A Revolução Russa obteve um profundo impacto sobre o movimento operário do Brasil e, sobretudo, entre os anarquistas, que foi um dos setores mais sensíveis a este tema e que consistia na sua ala mais radical e representativa – fato este já apontado por diversos estudos.⁴ Num primeiro momento, os anarquistas brasileiros apoiaram a causa dos soviets e simpatizaram-se com a Revolução Russa – entre 1917 e 1919. Porém, conforme as informações a respeito do processo revolucionário russo foram ficando mais claras, o debate na imprensa foi decantando aqueles que se mantiveram anarquistas e aqueles que

³ Chamamos a atenção que as datas que mencionamos os fatos russos são referentes ao calendário atual – que não era o mesmo da Rússia naquela época. Assim também atentamos que a ortografia da língua portuguesa de nossas fontes é característica da forma escrita na época, e que também era influenciada pela forma como a imprensa operária expressava-se. Decidimos não alterar a grafia original.

⁴ Os impactos e repercussões da Revolução Russa no movimento operário brasileiro, sobretudo entre os anarquistas que constituíram uma força destacada das organizações operárias da Primeira República, já vêm despertando a atenção dos estudos acadêmicos desde a obra clássica de Moniz Bandeira, cuja primeira edição foi publicada na comemoração dos 50 anos desta revolução, ver: BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. *O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980. A partir da contribuição do brasilianista estadunidense John Foster Dulles nos anos 1970 e o seu levantamento da imprensa operária, assim como a da pesquisadora Maria Nazareth Ferreira, autores que também apontaram esta repercussão, abriram-se novos espaços para o aprofundamento do tema: DULLES, John W. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Trad. César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil: 1880-1920*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978. Mais recentemente o historiador Marcos Del Roio ofereceu contribuições importantes a respeito das transformações ideológicas e no pensamento político dos anarquistas a partir dos adventos russos: DEL ROIO, Marcos. *O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil*. In: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *História do Marxismo no Brasil (o impacto das revoluções)*. 2ª Ed. Campinas: Editora Unicamp, p. 59-121, 2003. V. I. Também destacamos o meu próprio trabalho de mestrado que dissertou sobre o mesmo tema, cujo este artigo atual constitui-se em novos estudos a partir de fontes inéditas: GOMES, Leandro Ribeiro. *Libertários e Bolcheviques: a repercussão da Revolução Russa na imprensa operária anarquista brasileira (1917-1922)*. (Dissertação de Mestrado). FCL/UNESP. Assis, 2012.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

continuariam apoiando a Rússia e a causa bolchevique – acabando estes por fundarem o PCB em 1922.⁵

Estas considerações são importantes e necessárias porque a análise que buscamos realizar com nossas fontes envolve também atentar-se ao ambiente cultural e à densidade psicológica que influenciaram a produção desse material jornalístico. Isso ocorreu, em grande parte, devido à guerra de informações em que esteve envolto esse assunto, tão polêmico naquela época quanto ainda hoje; e também pelas dificuldades políticas que sofria o movimento operário anarquista naquele momento.

Ao enfatizarmos essas observações tentamos conduzir o estudo e a análise para uma linha de pesquisa na História Política que se debruça nas “representações” que são construídas, pelos veículos de comunicação, sobre determinados fatos e acontecimentos. Trata-se de representações que são a expressão de uma determinada cultura política e que produziram um imaginário político a respeito do que teriam sido os eventos e as lutas que se travaram na Rússia naquele ano de 1917.

A Revolução Russa e sua repercussão internacional e no Brasil

A Revolução Russa de 1917 foi um evento político de amplas repercussões internacionais desde o seu início e que produziu uma quantidade enorme de interpretações e mitos ao redor do mundo. Em grande medida, a carga polêmica e explosiva que envolveu esse assunto na época deve-se à radicalidade com que se expressaram as massas populares e os movimentos sociais na Rússia naqueles anos, destacando-se a organização dos soviets.

A população russa, devido em grande parte às catástrofes sociais geradas pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), iniciou um movimento espontâneo de auto-organização social com um vigor e profundidade que espantou o mundo no início do século XX. Essa auto-organização expressou-se por meio da formação de conselhos populares que objetivavam administrar a própria sociedade: os *soviets*. E quando estes órgãos, num primeiro ato, ajudaram a derrubar o czar e, num segundo (revolução de outubro), derrubaram o governo provisório, assumindo a própria direção política do país, o significado histórico destes eventos foi sentido na época com grande alarde em vários países ao redor do globo.

Os soviets constituíram-se em órgãos espontâneos de autogestão social, adaptados aos rigores da polícia política czarista e a uma legislação repressiva devido à sua

⁵ Cf.: GOMES. *Libertários e Bolcheviques...* op. cit., p. 17 e BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 256-267.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

organização informal, descentralizada, flexível, ágil e de mínima burocracia. E com a revolução de março de 1917 (queda do czar), os soviets assumiram a função de fiscalizar a ação do governo provisório para que se cumprisse efetivamente as reformas democráticas desejadas – quando não a de exercer de fato determinadas funções governamentais, como abastecimento, trânsito, saúde pública, iluminação, educação etc. Constituindo-se, assim, em poder popular paralelo ao Estado.⁶

Dessa forma, por ter tido como protagonista o povo trabalhador, a revolução socialista na Rússia animou os anseios dos movimentos trabalhistas ao redor do mundo, e ela foi sentida na época, em grande parte, com este significado. Para as gerações que viveram nestes anos imediatos à Revolução Russa, esta época foi vista como um momento decisivo da História, como o início da possibilidade da queda do capitalismo.⁷ A experiência russa tornou-se sinônimo de subversão, mostrando-se como uma ameaça aos regimes políticos e à ordem social dos outros países, assustando governos e classes dirigentes, pois: “[...] A revolução russa apresenta-se à opinião pública democrática ou socialista do Ocidente como a herdeira das revoluções de 1789 e 1848. O mito da revolução soviética cristaliza as aspirações de renovação, de paz, de internacionalismo. [...]”⁸

Devido às hecatombes consequentes da Guerra Mundial, o mito político desta revolução soviética fez fundir, portanto, o desejo de revolução social com o anseio pela paz e pelo fim da guerra. E esse sentimento antiguerra foi tão forte que ocorreram até mesmo motins em setores do exército em vários países da Europa. Por isso, os acontecimentos revolucionários russos tiveram repercussões amplas nas experiências das lutas sociais ao redor do globo naquela época.⁹

Enfatizamos a importância de salientar os “mitos políticos” que foram construídos a partir deste evento, pois isso ajuda a compreender tanto as nossas fontes como a maneira que iremos abordá-las. A Revolução Russa gerou, na imprensa de todos os setores sociais, embates e disputas de informações e pela *verdade* de seus fatos. Ainda mais porque o próprio governo bolchevique russo, a partir da revolução de 1917, passou a explorar a autoimagem de “socialismo versus capitalismo”. Dessa maneira, ocorreu que muitos críticos de esquerda no

⁶ Cf.: FERRO, Marc. *A Revolução Russa de 1917*. Trad. Maria P. V. Resende. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. p. 40-41. REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 42. Coleção Revoluções do século XX.

⁷ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 79.

⁸ RÉMOND, René. *O Século XX: de 1914 aos nossos dias*. Trad. Octavio M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 49.

⁹ HOBBSAWM. *Era dos extremos...* op. cit., p. 65-66; 73.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

mundo ocidental foram induzidos a enxergar na Rússia Soviética algo que ela não conseguiu ser, e nisso os grupos políticos de direita também fizeram o seu uso desta visão.¹⁰

Segundo o historiador inglês marxista Eric Hobsbawm, a Revolução Russa possui duas histórias entrelaçadas: o seu impacto sobre a Rússia e o seu impacto sobre o resto do mundo, sendo que esta ainda oferece amplas lacunas e campos promissores de estudos.¹¹ Dessa maneira, o seu impacto sobre o movimento operário e socialista, dentro e fora da Rússia, foi diretamente incisivo e profundo.

Nos momentos iniciais dos eventos, ainda no ano de 1917, a situação na Rússia animou os militantes anarquistas no Brasil. Isso porque houve uma quebra, ainda que virtual, da autoridade do Estado com a derrubada do czarismo e com a crise do governo provisório, assim como devido à ação dos soviets, com sua atitude espontânea, revolucionária e de um profundo desejo de mudança social. Por isso, os soviets foram vistos pelos anarquistas ao redor do mundo, inclusive na Rússia, como os embriões e protótipos das comunas livres pregadas pelo anarquismo.¹²

Segundo Trotski, os soviets garantiram a liberdade de imprensa e a jornada de trabalho de oito horas e organizaram patrulhas para proteger os cidadãos durante as agitações revolucionárias.¹³ Assim, entre os principais marxistas russos da época, ao menos entre os bolcheviques, os soviets foram vistos como os “centros organizadores da revolução”:

[...] Para o futuro, como observava Lênin já naquela etapa, os soviets poderiam funcionar como órgãos tanto executivos como legislativos, e poderiam compor o mecanismo através do qual o cidadão comum seria iniciado nos ministérios do governo do país, onde os bolcheviques queriam vê-lo chegar [...]¹⁴

Nos países que possuíam sociedades industriais mais desenvolvidas (como a França, a Alemanha e a Itália), as forças de esquerda e o movimento operário viram-se altamente divididas entre aqueles que eram a favor de Moscou e os que eram contra – ainda fiéis à II Internacional. Enquanto que na Ásia e na África, sociedades predominantemente

¹⁰ LEWIN, Moshe. O tempo e o mundo de Lenin. In: _____. *O Século Soviético: da revolução de 1917 ao colapso da URSS*. Trad. Sílvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, p. 335-336, 2007.

¹¹ HOBBSAWM, Eric J. Podemos escrever a história da Revolução Russa? In: _____. *Sobre história: ensaios*. Trad. Cid Knipel M. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 266.

¹² JOLL, James. *Anarquistas e anarquismo*. Trad. Manuel Vitorino Dias Duarte. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1964. p. 215.

¹³ TROTSKI, Leon. *A Revolução de Outubro*. Trad. Daniela Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 22-23; 36.

¹⁴ HILL, Christopher. *Lênin e a Revolução Russa*. Trad. Geir Campos. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 85.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

agrárias e que sofriam a dominação colonial, o exemplo soviético cristalizou aspirações nacionais de independência, aproximando comunistas e grupos nacionalistas.¹⁵

De acordo com Boris Koval, brasileiro soviético, na América Latina o movimento operário dividiu-se profundamente em relação à Revolução Russa, tanto nas fileiras anarquistas quanto entre sindicalistas revolucionários e socialistas reformistas. E tais repercussões também espelharam as interpretações iniciais destes eventos, pois muitos anarquistas e sindicalistas de esquerda interpretaram o lema de “todo o poder para os Sovietes” – conclamado por Lênin em suas “Teses de Abril” – como uma conclamação à extinção do Estado e à “anarquia”:

[...] Para apoiar esta interpretação invocaram as Teses de Abril, que propunham a ‘supressão da polícia, do exército, da burocracia’ e o estabelecimento de um ‘Estado-Comuna’. Os sindicalistas de esquerda, contaminados pelas idéias anarquistas, não compreenderam que se tratava da ditadura do proletariado, de um Estado que se inspirava na Comuna de Paris. As discussões em torno das Teses de Abril, mantidas entre os operários mais desenvolvidos politicamente e a direção de seus partidos e sindicatos, aceleraram a polarização dos pontos de vista sobre os problemas cardiais da guerra e da revolução e, em última instância, contribuíram para reforçar a ala marxista dos internacionalistas revolucionários [...].¹⁶

O “regime dos soviets” marcou as primeiras ideias e “representações” que o mundo teve sobre a Rússia naqueles anos, pois esta visão da Rússia foi influenciada e construída pelas análises e primeiros testemunhos de comunistas e simpatizantes ocidentais: sobretudo ingleses, franceses e americanos. Porém, segundo Marc Ferro, houve uma defasagem entre esta representação e as mudanças reais, porque foi esta imagem que perdurou nos primeiros dez anos após 1917, até que as representações stalinistas tomaram o seu lugar. Isso porque entre 1917-1918, de fato, foram os comitês (soviets) que governaram a própria sociedade – o que conferiu força a esta primeira “representação”. Porém, logo esta realidade mudou com a bolchevização e burocratização dos soviets a partir de 1918.¹⁷

Na importante obra de Moniz Bandeira foi enfatizado que as notícias da imprensa refletem posições de classe, fazendo propagandas políticas por trás de sua aparente objetividade, confundindo fatos com ficção, transmitindo informações formadas e deformadas, ainda mais num momento de extrema guerra psicológica que envolveu esse

¹⁵ Ver, respectivamente, sobre as repercussões da Revolução Russa nas sociedades industriais e agrárias: RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. Trad. Octavio M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 85-86; 87. HOBBSAWM. *Era dos extremos...* op. cit., p. 72.

¹⁶ KOVAL, Boris. *A grande Revolução de Outubro e a América Latina*. Trad. Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980. p. 68.

¹⁷ FERRO, Marc. *O Ocidente diante da Revolução Soviética: a história e seus mitos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 61-62.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

assunto na época da Primeira Guerra Mundial. Assim, a influência das agências transnacionais de notícias na divulgação destes eventos estava ligada aos interesses internacionais que estavam em jogo:

O Brasil acompanhou a queda do Czar e a deposição de Kerenski [chefe do governo provisório na Rússia] com a retina de Havas, United Press e outras agências internacionais. A imagem da revolução russa, que projetavam, era a imagem que as altas finanças de New York, Londres e Paris dela faziam. O volume de mentiras era de tal monta que Gilberto Amado escreveu na *Gazeta de Notícias*: ‘A United Press e a Havas continuam a nos julgar indignos da verdade, pobres bugres que convém manter no alheamento completo do que se passa no mundo’.¹⁸

É interessante também aqui mencionar o relato do militante operário Everardo Dias sobre como os jornalistas anarquistas conseguiam obter as informações sobre a Rússia dentro de suas disponibilidades técnicas e de como eles selecionavam estas informações:

[...] Ora, nós aqui, nas Américas, acompanhávamos esses episódios formidáveis através de telegramas deturpados, preparados ao sabor dos interesses dos governos da entente e se algo mais sabíamos era através do rádio de uma estação alemã, que referia as coisas com mais verdade e desmentindo quase sempre as tendenciosas informações da Havas, da Reuters, da Associated Press.¹⁹

A Rússia soviética tornou-se, portanto, um imã e uma referência para todos os movimentos operários e revolucionários ao redor do mundo. No entanto, as divergências teóricas e doutrinárias entre o anarquismo e o marxismo fizeram com que o movimento anarquista internacional – principalmente a partir de 1919/1920 – entendesse o caráter centralizador do novo regime, formulando críticas ao bolchevismo nos meios militantes e operários. Contudo, nos seus períodos iniciais, que perfaz o recorte temporal deste artigo (1917), a força do mito soviético, em geral, animou o movimento anarquista aqui no Brasil, assim como a condenação da guerra mundial e a exaltação do espírito internacionalista operário que esta revolução inspirou. Esta imprensa operária e anarquista construiu, desse modo, do seu ponto de vista, os seus mitos, imagens e representações a respeito da Rússia.

A Revolução Russa na imprensa dos anarquistas brasileiros

¹⁸ BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 73. O jornalista Gilberto Amado – considerado uma personalidade da história política e intelectual do país – escrevia na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, o que podemos considerar um dos jornais da grande imprensa da época. A respeito do jornal *Gazeta de Notícias*, de tendência liberal, e sobre a queixa de Gilberto Amado contra a falta de informações confiáveis sobre a Rússia, também averiguamos na obra clássica: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 224; 320.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

As primeiras notícias e matérias relacionadas à Revolução Russa na imprensa anarquista brasileira começaram a ser publicadas mais intensamente a partir de meados de 1917, com certo atraso, pois o movimento revolucionário já vinha se desenvolvendo desde março com a abdicação do czar Nicolau II. As distâncias e dificuldades de comunicação da época podem ser uma das explicações deste atraso, mas a guerra de informações em que estava envolvido esse assunto dificultava o entendimento do que era despachado pelas agências de notícias. No primeiro número do jornal *A Plebe*, semanário de São Paulo, um artigo assinado por Bazilio Torrezão comenta que os telegramas que as agências enviavam, mesmo sob censura, “são bem claros para quem sabe ler nas entrelinhas”. E ao se analisar estas notícias, ele deixa transparecer o clima de confusão em relação ao que se passava na Rússia:

[...] Na Russia ... ah! na Russia então, aquillo está um modelo de confusão. Ninguem se entende no ex-imperio dos czares: governo provisorio, ministros, a Duma, ‘comités’ de operarios e soldados, camponezes ... cada grupo, cada fracção do povo, cada fracção de partido ruma para o seu lado, todos de accordo agora, dahi a pouco em desaccordo todos, dominando estes, demittindo-se e cahindo aquelles, fazendo e desfazendo declarações, desejando a paz immediata e proclamando a continuação da guerra ... enfim, um legitimo e completo sacco de gatos [...].²⁰

Não conseguimos obter informações sobre quem era Bazilio Torrezão, pois, provavelmente, era um pseudônimo, o que era comum na imprensa operária para preservar os colaboradores das perseguições policiais e patronais. O jornal *A Plebe* acabara de ser fundado naquele momento pelo famoso militante anarquista Edgard Leuenroth e seus amigos e apoiadores, assumindo-se como um semanário proletário e manifestando-se por um sindicalismo revolucionário. Tornou-se, tão logo, o periódico de maior expressão do movimento anarcossindicalista de São Paulo, desempenhando um papel central nos movimentos grevistas que já vinham se aquecendo desde maio daquele ano na cidade – e que culminaria na greve geral que ocorreria no mês seguinte, em julho. Portanto, o jornal foi fundado num momento estratégico para organizar as insatisfações operárias com a desestabilização das condições de vida e dos salários – efeitos econômicos relacionados à conjuntura internacional da Primeira Guerra Mundial. A crítica à Grande Guerra e seus efeitos, ao que tudo indica, foi central em sua posição editorial em seus inícios.²¹

¹⁹ BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 109.

²⁰ TORREZÃO, Bazilio. Pela desordem!. *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 2, 9 jun. 1917.

²¹ A respeito do jornal *A Plebe* e de sua fundação pelo grupo de Leuenroth, no contexto de agitação contra a guerra mundial, Cf.: KHOURY, Yara Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarco-sindicalista*. 1988. Tese (Doutorado em Sociologia). USP, São Paulo, 1988. p. 40-41.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

Estes condicionamentos econômicos e sociais são, portanto, fatores importantes a serem apontados, porque eles influenciaram em nossas fontes, na maneira como eram tratadas as notícias da Rússia. Com isso, era fundamental para a imprensa operária daquele momento a condenação do conflito internacional – que, além do morticínio, desestabilizava a vida econômica – assim como evidenciar, como na fonte acima, que também na Rússia havia desacordos em relação à continuidade da guerra, pois frações do povo estão “desejando a paz imediata”. Bazilio Torrezão já cita os “comitês” (soviets) de operários, soldados e camponeses, e o quanto estes setores eram personagens ativos nos destinos do país. Assim, alguns números adiante, no fim do mês, um colunista identificado como Roberto Feijó publica na capa de *A Plebe* um artigo que comenta uma declaração do governo japonês de oferecer ajuda à Rússia, que passava por grave crise nacional. A tônica da condenação popular à guerra era evidenciada ao se relatar as condições russas:

O gesto do Japão (será preciso dizê-lo?) foi ordenado pela Inglaterra e pela França e exprime toda a infâmia e a abominável covardia de que são capazes os governos destes países. O fim da França e da Inglaterra não é organizar democraticamente a Rússia, mas esmagar as tendências pacifistas dos seus revolucionários, socialistas e anarquistas. O fim da Inglaterra e da França é suffocar a revolução e estrangular os agitadores, forçando a Rússia, cujo povo quer a paz, á continuação de uma guerra que não deseja nem estima.²²

Em relação a Roberto Feijó também não conseguimos informações, mas o que chama atenção em seu artigo é a afirmação de que o “povo quer a paz”, e que a intenção da França e da Inglaterra era de “esmagar as tendências pacifistas dos seus revolucionários”, forçando a Rússia a continuar na guerra – identificando os “socialistas” e os “anarquistas”

KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *As esquerdas no Brasil: a formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 120-121, v. 1. A coleção de *A Plebe* encontra-se no Arquivo Edgar Leuenroth (AEL-UNICAMP). É importante também a contribuição de Christina Lopreato sobre a sagacidade militante dos anarquistas que naquele momento, a partir de maio, despertaram as energias operárias para uma onda de greves contra a elevação do custo de vida, que atingiria o clímax na greve geral de julho, que ficou conhecida como a Greve Geral Anarquista e que também completou seu centenário recentemente, Cf.: LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *A semana trágica: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Museu da Imigração, 1997. p. 16-23. Em relação à Guerra Mundial é importante explicar que o prolongamento deste conflito na Europa estimulou a produção de matérias-primas e de gêneros alimentícios no Brasil, o que elevou os preços dos produtos primários básicos no mercado interno. E adicionado a especulação comercial, a política de câmbio baixo para favorecer os exportadores e as pressões inflacionárias decorrentes, a situação de vida das camadas urbanas baixas piorou muito em meados de 1917, daí a existência das séries de manifestações operárias que ocorreram no período. Cf.: CARONE, Edgard. *A República Velha* (instituições e classes sociais). 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. p. 22-23. Coleção Corpo e Alma do Brasil. Id. *A República Velha* (evolução política). 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. p. 314. Coleção Corpo e Alma do Brasil. FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1977. p. 165-166. BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 48-50.

²² FEIJÓ, Roberto. Cortezia Oriental. *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 1, 30 jun. 1917.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

entre estes “pacifistas”. É interessante observar as tentativas do autor de explicar o que ocorria na Rússia e, como vimos na fonte anterior, os telegramas da grande imprensa eram uma das fontes utilizadas, mas não devemos descartar outros possíveis materiais intercambiados com o movimento operário de outros países. Haja vista que isso era uma característica deste tipo de imprensa da época devido às ligações e contatos que os movimentos operários de vários países mantinham entre si – o que fazia do anarquismo (e também de outras tendências da esquerda), e do seu apregoado internacionalismo operário, um fenômeno internacional tanto na teoria como em certa medida também na prática. Aliás, isso fez com que a imprensa operária no Brasil da época tivesse grande credibilidade em relação ao assunto da Revolução Russa, já que a grande imprensa (e isto era compreendido pela crítica operária) estava comprometida com as agências internacionais de notícias – que defendiam os interesses nacionais das potências envolvidas na Guerra Mundial.²³

É pertinente apontarmos estas possibilidades da circulação de notícias e informações daquela época porque podemos inferir o quanto que esta interpretação de Roberto Feijó aproximava-se com o que realmente acontecia na Rússia. É interessante observarmos que, naquele momento, passagem de junho para julho, a situação na Rússia foi marcada por um agravamento da crise política e intensas lutas sociais. Em junho, o governo provisório russo – que assumiu o poder com a abdicação do czar – lança o país numa nova ofensiva militar desastrosa contra a Alemanha – devido às pressões dos países aliados, no caso da própria França e a Inglaterra. Assim, a onda de insatisfação popular com a guerra explode em julho (“jornadas de julho”), o que acirrou as tensões e fez com que até mesmo os anarquistas e os bolcheviques lutassem lado a lado, reclamando pela paz imediata contra o governo provisório – como revela estudos mais recentes do historiador Alexandre Skirda. Inclusive, Skirda salienta que os anarquistas russos naquele momento estiveram profundamente engajados na oposição contra a guerra mundial.²⁴

²³ Em relação ao intercâmbio de informações da imprensa anarquista devido ao internacionalismo operário, e o prestígio que teve esta imprensa no Brasil na cobertura da Revolução Russa Cf.: TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA; REIS FILHO. *As Esquerdas ...* op. cit., p. 68. FERREIRA, Maria. *A imprensa...* op. cit., p. 78-79. Sobre as agências internacionais de notícias da época é importante frisar que a sua dependência dos subsídios públicos e privados, provenientes dos interesses nacionais de seus respectivos países, fez com que a independência editorial desta imprensa fosse bastante questionável em relação às notícias da I Guerra Mundial – o que obviamente afetava a cobertura sobre a Revolução Russa. Cf.: MATTA, Fernando Reyes. A evolução histórica das agências transnacionais de notícias no sentido da dominação. In: _____. *A informação na Nova Ordem Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 63-65.

²⁴ SKIRDA, Alexandre. *Os anarquistas russos, os soviets e a Revolução de 1917*. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2017. p. 75-76; 79.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

Ainda devemos considerar que a condenação à guerra mundial já vinha sendo organizada pelos setores mais radicais do movimento operário brasileiro desde 1915. Tanto os anarquistas quanto os socialistas no Brasil identificaram-se com a causa pacifista por questões ideológicas – por exemplo, a defesa dos valores internacionalistas operários e a condenação da guerra pelo seu caráter imperialista – como, também, estes setores já vinham condenando os efeitos econômicos da guerra. Portanto, podemos deduzir o quanto as ressonâncias entre os pacifistas na Rússia e no Brasil não eram meras coincidências.²⁵

O clima de tensão social e conflitos entre o operariado paulistano contra o Estado e as forças patronais, naqueles finais de junho de 1917, podem ter repercutido em outro artigo de destaque de capa referindo-se à Rússia, na mesma edição de *A Plebe*, ao lado do artigo de Roberto Feijó. Com o título de “Greves Sintomáticas”, um militante identificado como Alfredo Villa Sêcca – mais um caso de possível pseudônimo e sem identificação – publica um texto discutindo as greves e sublevações populares que ocorreram na Rússia, destacando as conquistas na jornada de trabalho e na participação dos lucros das empresas (indicando como referência “telegramas de Petrogrado”). Argumentando que estas greves e conquistas operárias na Rússia eram vistas pelo “burguês” como inócuas, pois, segundo estes, tais greves não “poderão exprimir jamais conquistas definitivas” – já que era fruto de um governo fraco e da desorganização do país –, o autor tece comentários interessantes. Ao tratar da luta operária, e ao comentar o caso das discussões que ocorriam na Rússia sobre o destino do ex-czar Nicolau II, e referindo-se ao governo provisório russo, destacamos:

E terá razão o burguez que assim pensar. E a Historia toda lhe dará razão. Nunca os governos cederam a uma pressão do povo senão compellidos pela força ou por circunstancias excepcionaes e greves. O governo russo, embora sahido de uma revolução, não pode contrariar a regra. E, de facto, não a contraria. Toda a sua obra, neste momento, é tudo quanto ha de menos revolucionaria. Ele vae mesmo ao ponto de contrariar a obra dos revolucionarios russos nos simples actos de prudencia e segurança que os revolucionarios preconizam. Assim ocorreu quando os marinheiros de Kronstadt propuseram guardar consigo o Czar, cuja fuga todos receiam, como receiam os perigos que essa fuga representa, se ella um dia se verificar. E não só os cavalheiros do provisorio recusaram aos marinheiros de Kronstadt a guarda do Czar, como decidiram que o mesmo Czar possa votar e ser votado nas eleições da constituinte!

Por isso, as greves da Russia, mais ou menos victoriosas, não têm para mim, como não têm para a burguezia em geral, o valor de uma conquista definitivamente ganha para o operario, mas unicamente e naturalmente o valor de um symptoma, o valor como significação, exprimindo não aquilo que o proletariado russo já fez e conseguiu, que não é nada, mas o muito que mostra ser capaz de fazer, se forças adversas e inimigas do seu progresso o não detiverem na sua marcha para a fraternidade e a justiça.²⁶

²⁵ BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 41-43.

²⁶ SÊCCA, Alfredo Villa. Gréves Symptomaticas. *A Plebe*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 1, 30 jun. 1917.

Devemos considerar o quanto pode ser revelador o fato do autor ter publicado um artigo sobre as vitórias e a força das greves operárias na Rússia num momento em que os anarquistas do jornal *A Plebe* engajavam-se energicamente para a articulação e união das greves e movimentos paredistas que já ocorriam na capital – explodindo na greve geral e na chamada “semana trágica”, devido aos seus conflitos, em 9 de julho. Sabemos que em maio os trabalhadores têxteis da cidade de São Paulo já iniciaram uma greve e que, aos poucos, ela ganhou a adesão de outras categorias, e que o movimento cresceu muito a partir de junho. Os industriais, perplexos, convocaram a força pública para guarnecer as fábricas, portanto, o clima psicológico de tensão já estava bem elevado.²⁷ Sendo assim, ao se referir ao “burguês” e à “burguesia” de forma genérica, Alfredo Villa Sêcca pode estar se referindo também à burguesia industrial e patronal paulistana que, em confronto com os operários em São Paulo, também sabiam que as vitórias operárias na Rússia não implicavam em conquistas definitivas, mas exprimiam um sintoma do que poderia vir a significar, do que o proletariado russo “mostra ser capaz de fazer” – que é o “progresso” do proletariado “na sua marcha para a fraternidade e a justiça”.

É interessante notar que o autor enfatiza que “nunca os governos cederam a uma pressão do povo senão compelidos pela força”, e essa força envolve “circunstâncias excepcionais” e as “greves”. Algo significativo, ao consideramos o contexto pelo qual passava o movimento operário paulistano naquele momento, com a própria força estatal protegendo os industriais e as fábricas. Noticiar e comentar as conquistas operárias na Revolução Russa, portanto, era desafiador. Ao analisar a situação russa, o autor deixa entender que a luta operária deve ser constante, pois, mesmo o governo russo, que saiu de uma revolução, não contraria essa regra, já que este havia passado a ter uma política contra as

²⁷ Cf.: LOPREATO, op. cit., p. 29. No contexto de maio e junho em São Paulo, apesar das manifestações operárias serem esparsas e alternadas, o movimento grevista cresce apesar das intervenções policiais, demonstrando o aumento da força da organização operária – que naquele momento além de protestar contra as péssimas condições de vida, também reivindicavam melhorias salariais e na jornada de trabalho Cf.: KHOURY, Yara Aun. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo: Cortez; Autores associados, 1981. p. 23. É pertinente considerarmos as próprias memórias de Edgard Leuenroth sobre esse período às vésperas da greve geral – que inclusive ele foi acusado de ser um dos mentores. Ele alega que tal greve só ocorreu porque havia em cada corporação “um núcleo de operários conscientes” para agir nos sindicatos, e que, portanto, ela não foi organizada por nenhum “órgão superior” e sim foi fruto de “um movimento espontâneo do proletariado”, devido à “carestia do indispensável à subsistência”. O militante anarquista Jaime Cubero, que conviveu com Leuenroth e estudou estas memórias, explica que desde 2 de junho de 1917 a União dos Operários de Fábricas de Tecidos vinha organizando as reivindicações da categoria, e que após a repressão policial a passeata dos operários do Cotonifício Crespi em 15 de junho, a greve de tecelões começa a atingir outras fábricas, Cf.: LEUENROTH, Edgard. *O movimento operário: a Greve de 1917*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2016. p. 32; 64; 76.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

medidas revolucionárias, e inclusive imprudentes, segundo o autor, referindo-se ao governo provisório e à sua recusa às solicitações dos marinheiros de Kronstadt em relação à guarda do czar. E ainda com o agravante de tornar o czar elegível para a esperada assembleia constituinte.

Estas discussões em torno da Rússia podem expressar as ressonâncias que se espalharam pela imprensa internacional dos acontecimentos conturbados dos meses de junho e julho naquele país. Kronstadt era uma base naval insular a trinta quilômetros de distância de Petrogrado no golfo da Finlândia e os marinheiros que faziam parte de seu soviete possuíam um forte sentimento autonomista em relação ao governo central, constituindo-se em um setor de vanguarda revolucionária desde o início da revolução, em março, com a derrubada do czar. Radicalizados, os marinheiros de Kronstadt opuseram-se frontalmente à moderação do governo provisório em relação à guerra. A deterioração das relações entre as duas instâncias políticas aumentou em fins de maio. Quando em princípios de julho as notícias das derrotas da ofensiva militar de junho chegaram do front, os marinheiros de Kronstadt revoltaram-se e marcharam até Petrogrado contra o governo provisório, somando-se às revoltas populares – as mencionadas “jornadas de julho”. Com isso, esta fonte pode ser uma evidência dos polêmicos atritos que ocorreram na Rússia entre o governo provisório e os setores mais radicais da revolução que desejavam uma punição ao czar devido aos desastres da guerra mundial, assim como do receio da força simbólica que ele representava devido às pressões dos grupos conservadores, monarquistas e contrarrevolucionários.²⁸

²⁸ Um elemento forte da Revolução Russa foi o ódio e o rancor que o povo russo passou a nutrir pela pessoa do czar e pelo regime czarista em si, e o intenso sentimento popular revolucionário que chamou a atenção de muitos observadores da época. Assim, já havia amplas demandas por reformas democráticas no país e os desastres da guerra mundial fez a população condenar completamente o antigo regime, Cf.: FERRO. *A Revolução...* op. cit., p. 14-15. O governo provisório que assumiu após a abdicação do czar Nicolau II, na verdade, foi a articulação de vários “governos provisórios”, visto que a instabilidade política do país rearticulava um novo governo a cada dois meses, sendo que a partir de maio soviets liderados por mencheviques e socialistas revolucionários – tendências mais moderadas da esquerda russa –, esporadicamente junto com os liberais, foram as figuras centrais desses governos. Uma instabilidade institucional que, como vimos, refletiu em nossas fontes, Cf.: LEWIN, op. cit., p. 341. Dessa forma, já havia, desde a queda do czar, o compromisso que era esperado de que o governo provisório convocasse uma futura Assembleia Constituinte – que era uma reivindicação histórica das forças revolucionárias e progressistas russas, e que estabelecida em novembro de 1917 após a segunda revolução em outubro, foi dissolvida em janeiro de 1918 pelos bolcheviques, pois estes não obtiveram a maioria nesta assembleia. O clima de tensão e conflitos neste contexto entre a radicalização da revolução e o governo provisório, devido à sua intransigência de retirar a Rússia da guerra, inflou a oposição do soviete de Kronstadt que se somou às jornadas de julho, Cf.: REIS FILHO. *As Revoluções...* op. cit., p. 60-62; 68-69. Diante disso, era de se esperar que as disputas de interesse em torno da figura do czar, e a acusação polêmica de que o governo provisório lhe concederia plenos direitos na constituinte, fosse um tema nevrálgico, ainda que não obtivemos indicações diretas desse episódio específico na Rússia. Porém, evidenciamos que de fato houve a exigência de que o czar fosse transferido para Kronstadt. Uma importante antologia de documentos da Revolução Russa recentemente organizada por Daniel Aarão Reis demonstra que a revolta dos soldados contra a continuidade dos conflitos fez com que a guarnição de Kiev se manifestasse numa resolução,

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

Por fim, ainda devemos enfatizar que estas fontes de *A Plebe* que tratam da Rússia foram influenciadas pela conjuntura do momento, em que ao mesmo tempo que o movimento operário anarquista engajava-se como vanguarda numa campanha antimilitarista e contra a guerra – devido ao profundo mal-estar social que a guerra agravou – houve um movimento contrário, de exaltação patriótica na opinião pública para que o Brasil entrasse na guerra ao lado dos aliados e contra os impérios centrais. As relações econômicas do Brasil com os aliados (EUA, Inglaterra e França) e o suposto afundamento de navios mercantes brasileiros pelos alemães fizeram com que o governo brasileiro declarasse guerra à Alemanha em 26 de outubro de 1917. Até esta data, e após a declaração de guerra, o sentimento patriótico foi utilizado pelo governo para amortecer os conflitos com o movimento operário em ascensão.²⁹ Por isso, é de grande pertinência explicarmos, para uma maior compreensão do clima psicossocial e político da produção destas fontes, que entre o artigo de Roberto Feijó (Cortesia Oriental) e o de Alfredo Villa Sêcca (Greves Sintomáticas), que estão na capa da edição de 30 de junho de 1917, há uma grande charge ocupando quase metade da página. Neste desenho, figura-se um agigantado soldado segurando uma espada (representando o militarismo) pegando o pão de cima da mesa de jantar de uma família, cujos membros o olham de forma perplexa. Nesta charge, inscreve-se acima: “O Brazil na guerra”. E logo abaixo do desenho: “o ultimo pedaço de pão”.

Mas a Revolução Russa não recebeu a atenção especial apenas dos anarquistas de São Paulo. No dia seguinte a esta edição de *A Plebe*, no Rio de Janeiro, então capital do país, o jornal *O Cosmopolita*, que era órgão do sindicato dos “empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres”, publicou na sua terceira página, numa seção intitulada “sintomas do momento internacional (através dos telegramas)”, uma longa coluna sobre a

datada de 14 de maio (possivelmente no antigo calendário) e que foi publicada no jornal bolchevique *Pravda*, edição de 8 de junho. Nessa resolução os soldados determinam como primeira exigência: “mandar para a cidade de Kronstadt Nicolau Sangrento e todos os seus lacaios fiéis, que [...] arruinaram a Rússia durante três anos”, ver “Os soldados e a revolução”, Cf.: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). *Manifestos vermelhos e outros textos históricos da Revolução Russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 221. Vale ressaltar também o relato de memorialistas como Victor Serge, anarquista que depois participou do governo bolchevique, Serge lembra que nessa época, em junho, o czar ainda estava retido nas proximidades da capital Petrogrado, e que havia pressões dos soviets de operários e soldados para que o czar fosse julgado. O czar Nicolau II – de acordo com as versões oficiais – foi fuzilado junto com a família imperial pelo poder soviético entre os dias 15 a 17 de julho de 1918, Cf.: SERGE, Victor. *O Ano I da Revolução Russa*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ensaio, 1993. p. 304; 306. Contudo, um trabalho recente e revelador do historiador francês Marc Ferro sustenta a hipótese de que apenas o czar Nicolau II, da dinastia Romanov, foi executado nessa ocasião, e que a imperatriz – que tinha origem alemã – e suas filhas foram salvas por um acordo secreto que ocorreu entre as autoridades bolcheviques e alemãs, em troca de presos políticos comunistas na Alemanha, Cf.: FERRO, Marc. *A verdade sobre a tragédia dos Romanov*. Trad. Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2017. p. 13-14.

²⁹ Cf.: BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 39-44. CARONE, Edgard. *A República Velha* (evolução política). 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. p. 314. FAUSTO, op. cit., p. 160.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

Rússia.³⁰ Neste espaço foram indicados os lugares de origem dos telegramas e a data em que eles foram enviados, referindo-se às notícias entre os dias 18 a 25 de junho. São muitas, mas é interessante que elas começam comentando sobre uma greve também dos empregados em hotéis e restaurantes de Moscou, indicando telegramas de Petrogrado, aliás a mesma notícia comentada ao se tratar das greves na Rússia no artigo de Villa Sêcca, o que demonstra que estes jornais se utilizavam das mesmas fontes. As notas enfatizam os apelos pela paz e as condenações a guerra mundial, assim destacamos pela importância o trecho:

PETROGRADO, 22 – Crece cada vez mais a odiosidade dos revolucionários russos contra a Duma. Nesta capital diz-se francamente que essa instituição russa converteu-se num grupo de homens com idéas imperialistas que querem se fazer o pivot de um movimento reacionario anti-democratico.

É opinião geral que, desde que se aboliu o velho rejimen não ha mais necessidade de se conservar esta escrescencia que é o antigo Parlamento Imperial Russo.

PETROGRADO, 24 – O Congresso de Operários e Soldados, em sessões realizadas hontem, aprovou as seguintes resoluções:

Dissolver o Conselho do Imperio; anular os mandatos dos deputados da Duma e cancelar os decretos e credits para estas instituições.

LONDRES, 24 – Dizem despachos de Petrogrado que os ‘maximilianistas’ realizaram sabado varios meetings diante dos quarteis, afixando cartazes com os seguintes dizeres:

‘Somente os capitalistas querem a continuação da guerra que tras consigo a fome ao povo e a contra-revolução terá suas causas na carestia dos viveres e na falta de empregos.

Os membros do governo provisorio apoiam abertamente as potencias imperialistas e os burguezes e nossa paciencia já se vai esgotando. Devemos, portanto, faser conhecer os nossos desejos e afirmar as nossas ezigencias por meio de demonstrações pacificas. Em consecuencia disso, convidamos todos os soldados e operarios a se reunirem nas praças publicas para gritar: “Abaixo a Duma! Abaixo a guerra! Queremos pão, paz e liberdade!”³¹

Como vimos, a condenação à guerra também recebeu destaque na imprensa anarquista carioca, reforçada pelo fato das alas mais radicais da revolução na Rússia também estarem contra a guerra, entre elas o “congresso de operários e soldados”, os soviets. O que se destaca nessa fonte é a condenação dos “revolucionários russos” à “Duma” – que era o parlamento russo – com a alegação de que tal instituição era “reacionária” e “antidemocrática”, uma “excrecência” da época imperial e que o “Congresso de Operários e Soldados”, portanto, decidiu dissolvê-la. A Duma era o parlamento que foi criado pelo czar Nicolau II em 1906, após a primeira revolução russa de 1905, como concessões democráticas para uma certa representação partidária (que antes não havia); como medida para tentar

³⁰ O jornal *O Cosmopolita* teve periodicidade quinzenal e sua coleção encontra-se no CEDEM (Centro de Documentação e Memória da Unesp em São Paulo). Era identificado com o sindicalismo revolucionário e com o anarquismo, Cf.: RODRIGUES, Edgar. *Pequena história da imprensa social no Brasil*. Florianópolis: Insular, 1997. p. 104.

³¹ RUSSIA. *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 13, p. 3, 1 jul. 1917.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

acalmar a tensão social daquela época. Com a revolução de fevereiro de 1917, e a queda do czar, a Duma encarregou-se de formar o primeiro governo provisório para depois perder a importância na cena política, pois não existia nenhuma alternativa óbvia para a sucessão do poder, e ela própria seria incapaz de assumi-lo, já que não possuía reconhecimento. Este parlamento acaba sendo dissolvido apenas em outubro, por Kerensky, presidente do governo provisório.³²

Como já foi destacado, realmente houve uma radicalização dos movimentos sociais na Rússia naqueles meses devido à revolta contra a guerra mundial. Isso fez com que estes movimentos aderissem cada vez mais à plataforma bolchevique, como exemplo citamos para medida de comparação uma convocação do Soviete de Comitês de Fábrica de Petrogrado que afirma: “A Duma do dia 3 de junho, que ajudou o tsar a oprimir o povo, agora exige um ataque imediato no front – para quê? Para afogar a liberdade conquistada no sangue, para satisfazer os opressores russos e ‘aliados’”.³³

Levando em consideração que estes órgãos da imprensa libertária no Brasil também selecionavam os telegramas e notícias a serem publicados sobre a Rússia, eles determinavam, assim, de certa maneira, o que chegava até o público operário, organizando os acontecimentos russos de acordo com o “seu próprio filtro”.³⁴ Fazemos estes apontamentos para atentarmos, novamente, à conjuntura brasileira daquele momento, pois publicar estas notícias da Rússia em que a Duma era criticada talvez não seja casual. Um dos fatos discutidos da identidade operária durante a Primeira República, principalmente dos setores onde se destacavam o anarquismo, era a própria aversão às instituições parlamentares do governo, já que nas condições institucionais da época a participação eleitoral dos trabalhadores era muito limitada, devido à exclusão dos analfabetos (maioria da população) e das fraudes e manipulações que haviam. Tal quadro influenciou no forte caráter associativista do movimento operário no Brasil – o que corroborou, nas décadas iniciais do período

³² Cf.: FERRO. *O Ocidente...* op. cit., p. 16; 124. REIS FILHO. *As Revoluções Russas...* op. cit., p. 45; 58-59. LEWIN, op. cit., p. 341.

³³ Cf.: REIS FILHO. *Manifestos...* op. cit., p. 235. Ver na íntegra este documento intitulado “A radicalização dos movimentos sociais” que expressa a revolta dos revolucionários russos contra a guerra, assim como a insatisfação contra a Duma e o governo provisório.

³⁴ Nos referenciamos em nossa análise da imprensa em contribuições importantes que apontam os periódicos como participantes da história, por eles narrarem “de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” e que, portanto, analisá-los nesta perspectiva envolve encará-los como fontes e objetos da pesquisa historiográfica, Cf.: LUCA, Tania Regina de. História dos nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 139; 141. O que também é chamado, pelo pesquisador Renée Zicman, de uma “história através da imprensa”, já que segundo ele a apresentação de notícias na imprensa é uma causa direta dos acontecimentos pelo fato de todo jornal organizar os acontecimentos a partir de seu prisma, “de seu filtro”, Cf.: ZICMAN, Renée B.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

republicano, para a relevância maior do anarquismo e do sindicalismo revolucionário ao invés de um socialismo parlamentar.³⁵

Além destes aspectos da identidade e cultura operárias também devemos voltar à conjuntura, para melhor compreender estes paralelos entre Rússia e Brasil na imprensa anarquista. Também no Rio de Janeiro, devido à deterioração das condições de vida das classes trabalhadoras, já estavam ocorrendo manifestações operárias desde março e um ascendente movimento grevista desde maio, intensificando-se em junho. Assim, o ano de 1917, na verdade, foi marcado por fortes manifestações operárias, devido à “carestia de vida”, como era chamado o problema na época, e, inclusive, em vários Estados do Brasil. É relevante, portanto, que o telegrama publicado pelos editores de *O Cosmopolita*, no caso o que indica Londres em 24 de junho, e despachado direto de Petrogrado, fale que os “maximilianistas” pregaram em seus cartazes que “somente os capitalistas querem a continuação da guerra que traz consigo a fome ao povo”, identificando a contrarrevolução com a “carestia dos víveres e na falta de empregos”. Os mesmos problemas vividos pelos operários na Rússia, portanto, eram vistos como sendo vivenciados pelos trabalhadores no Brasil, tendo como causa imediata a guerra mundial, que era do interesse dos “capitalistas” – isso, de acordo com que podemos inferir, a partir desta cobertura jornalística dos eventos russos.³⁶

Encontramos também abordagens interessantes em outro periódico anarquista importante do Rio de Janeiro daquele momento. Na publicação *O Debate*, no início de

História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, n. 4, São Paulo: PUC, p. 90, 1985.

³⁵ Cf.: BATALHA, Cláudio H. M. *Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva*. In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida N. (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 172; 180. Além das condições institucionais específicas brasileiras apontadas por Cláudio Batalha, para entendermos a distância das instituições parlamentares das demandas e necessidades da classe trabalhadora, que é um problema histórico do Brasil, apontado como um dos fatores para a importância do anarquismo no período, devemos lembrar que a própria doutrina anarquista em si condena a ação parlamentar. Um ponto comum entre todas as correntes anarquistas é a proposta da substituição do Estado autoritário por formas de cooperação não-governamental entre indivíduos livremente associados. A partir destes pressupostos, com ênfase na espontaneidade e na liberdade, o anarquismo propõem formas de organização que não resultem em partidos políticos que objetivem tomar o poder, Cf.: WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas*. Trad. Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 12; 17. v. 1: A idéia.

³⁶ O termo “maximilianistas” mencionado em nossa fonte refere-se aos “maximalistas”, que é como eram chamados os bolcheviques no Ocidente. No Brasil, naquele período, os bolcheviques foram chamados pelos anarquistas e pela opinião pública de “maximalistas”, ou “maximistas”, porque entendiam-se que eles pregavam o programa social mais radical, o programa “máximo”. E também sobre a onda de greves no Brasil do período, ver respectivamente sobre estes assuntos: BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 52; 54; 56; 145. Na verdade os maximalistas foi a antiga ala ultraesquerda do Partido Socialista Revolucionário na Rússia, cujo programa aproximava-se dos anarquistas, e que no Ocidente foi confundida com os bolcheviques, Cf.: FERRO. *O Ocidente...* op. cit., p. 124.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

setembro, foi divulgada uma nota a respeito de Kerensky, que era presidente do conselho de ministros do governo provisório na Rússia, onde destacamos:

Kerenski é hoje a figura dominadora da Rússia revolucionaria. Dictador, de uma rara energia e de uma capacidade de trabalho extraordinaria, elle, no momento em que o seu paiz, convulsionado pela maior revolução dos tempos modernos, no entrechoque das idéas libertarias mais avançadas e das opiniões democraticas, conseguiu empolgar a situação, enfeixando nas mãos todos os poderes, que exerce com punho de ferro.

Até quando dominará Kerenski? Conseguirá elle subjugar e conter o grande surto libertario que sacode neste momento o colosso moscovita? É difficil fazerem-se previsões, quando se está em face de um caso complexo e grandioso como da Russia [...].³⁷

O periódico *O Debate*, semanário, era considerado uma revista de propaganda anarquista, tinha mais de dez páginas e possuiu uma certa importância na imprensa carioca no ano de 1917, pois teve como codiretor e colaborador o militante Astrojildo Pereira – que naquela época era anarquista mas que viria a ser um dos mais destacados fundadores do PCB em 1922. *O Debate* foi significativo porque Astrojildo Pereira comentava criticamente nesse periódico a abordagem que a grande imprensa fazia em relação à Revolução Russa.³⁸ A nota transcrita acima, que não possui autoria identificada, está abaixo de uma grande foto de Kerensky batendo continência em revista às tropas russas – numa seção intitulada “Figuras de atualidade”.

Apesar de não termos indicação da autoria, subentende-se que a nota foi escrita pelo grupo editor, e pelo teor da ironia é possível que seja do próprio Astrojildo Pereira, que possuía este estilo.³⁹ O texto deixa escapar esta impressão ao afirmar que Kerensky, “figura dominadora” e “ditador de rara energia”, no momento mais crítico do país, conseguiu “empolgar a situação”, exercendo o poder “com punho de ferro”, prevendo, no final do texto, que ele cairá.⁴⁰

³⁷ FIGURAS de actualidade. *O Debate*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 9, 1 set. 1917.

³⁸ O periódico *O Debate* teve uma relevância no cenário carioca naquele ano não só pela análise crítica de Astrojildo Pereira sobre a Revolução Russa como também por possuir colaboradores destacados, como o anarquista Fábio Luz e o escritor Lima Barreto. Este impresso foi proibido de circular com o estado de sítio instaurado devido à entrada do Brasil na guerra. Informações sobre este periódico e a atuação de Astrojildo Pereira em suas páginas Cf.: DULLES, op. cit., p. 63. RODRIGUES, op. cit., p. 116. A coleção de *O Debate* também se encontra no arquivo do CEDEM em São Paulo.

³⁹ A respeito de Astrojildo Pereira e sua sagacidade na análise crítica da imprensa sobre a Revolução Russa Cf.: FEIJÓ, Martin Cezar. *O revolucionário cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*. São Paulo: Boitempo, 2001. p. 61-69.

⁴⁰ Esta fonte é citada e transcrita na obra de Moniz Bandeira, onde os autores afirmam que a seção dedicada aos “fatos do exterior” era dirigida por Adolfo Porto e Astrojildo Pereira. E também mencionam que nessa época a imprensa brasileira dava grande destaque à figura de Kerensky, e o qualificavam de forma positiva, o que pode explicar o teor irônico do texto. Contudo, os autores ao adicionarem esta fonte não se aprofundaram nas questões relativas às suas representações, como buscamos aqui fazer, limitando-se a

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

Esta pode ser uma referência aos trágicos e caóticos acontecimentos que ocorreram na Rússia nos últimos meses. Sabemos que a ofensiva militar de junho, liderada por Kerensky, que era ministro da guerra na ocasião, foi catastrófica, o que resultou nas jornadas de julho e na radicalização dos soviets contra o governo provisório. Tal desestabilização da ordem no país incentivou um movimento contrarrevolucionário pelo general Kornilov em fins de agosto, que foi derrotado, assim como resultou num prestígio maior das propostas políticas dos bolcheviques (comunistas) entre as massas e as organizações populares.⁴¹

Contudo, um dos aspectos que mais nos chama a atenção neste artigo é a “imagem”, e a “representação” que o texto faz da Revolução Russa. Ele alega que o equilíbrio de Kerensky dá-se, justamente, no momento da “maior revolução dos tempos modernos”, “no entrelaço das ideias libertárias mais avançadas e das opiniões democráticas”. E pergunta-se até quando Kerensky vai conseguir controlar “o grande surto libertário que sacode neste momento o colosso moscovita?”. Portanto, trata-se da expressão de um imaginário, de uma imagem da Revolução Russa, que a vê como um grande acontecimento “libertário”, ou seja, de um caminho e um processo político rumo ao anarquismo. Contudo, reconhece que a Rússia é um caso complexo e imprevisível.

No fim do mês *O Debate* publica uma pequena nota sobre os últimos acontecimentos russos que é mais um exemplo interessante de como a imprensa anarquista brasileira deixava transparecer os seus desafios políticos ao abordar os eventos na Rússia:

O general russo Soukhomlinoff, ministro da Guerra do czar deposto, acaba de ser condenado a trabalhos perpetuos, como traidor dos interesses nacionaes, sacrificados pensadamente durante a sua gestão na pasta referida.

Eloquente lição para os poderosos menosprezadores dos interesses de um povo: a queda virá um dia, tanto mais fragorosa quanto maiores tiverem sido a arrogancia e o desprezo usados e abusados [...]⁴²

A nota do grupo editor afirma que esta é uma “eloquente lição para os poderosos”, sobretudo àqueles que menosprezavam os “interesses de um povo”. E prediz que a “queda virá um dia”, e que ela será ainda maior quanto maior a “arrogância” dos poderosos. Estas palavras podem refletir um certo rancor dos militantes operários do Rio de Janeiro em relação às autoridades cariocas daquele momento, ainda mais se considerarmos que também houve

utilizá-la como exemplo das visões dispares em relação à abordagem da revolução na imprensa. Cf.: BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 74-75.

⁴¹ Cf.: REIS FILHO. *As revoluções russas...* op. cit., p. 62-63. FERRO. *A Revolução...* op. cit., p. 82-83.

⁴² UMA lição. *O Debate*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, p. 9, 29 set. 1917.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

uma greve generalizada no mês de julho na cidade e que a repressão policial recaiu com força sobre as organizações operárias em agosto, com o fechamento da FORJ – Federação Operária do Rio de Janeiro.⁴³

Apesar do grande interesse pelo desenvolvimento dos acontecimentos revolucionários russos, a imprensa anarquista brasileira não conseguiu cobrir a segunda revolução do ano, a de “outubro”, quando os bolcheviques e o Soviete de Petrogrado derrubaram o governo provisório e tomaram o poder. A compreensão destes acontecimentos por esta imprensa só foi se expressar de forma mais clara depois, mais intensamente a partir de 1918-1919. Isso porque, como já foi mencionado, o governo brasileiro declara guerra contra a Alemanha em 26 de outubro de 1917, e nesta ocasião é decretado um estado de sítio que é acompanhado pela repressão ao movimento operário e censura de sua imprensa, estado de exceção que dura até o fim do conflito mundial. No entanto, por razões ainda não muito claras, sabemos que o Jornal *O Cosmopolita* continuou circulando apesar do estado de sítio até agosto de 1918, abarcando assim esse período.⁴⁴

⁴³ Cf.: SAMIS, Alexandre. *Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil*. In: COLOMBO, Eduardo et. al. *História do Movimento Operário Revolucionário*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004. p. 142-144. Mais uma vez, ao ilustrarmos o contexto russo para melhor entendermos as correspondências nesta imprensa no Brasil, o recurso aos memorialistas e aos documentos primários, por vezes, trazem informações riquíssimas além da historiografia profissional. Também o mencionado e famoso jornalista John Reed, que colheu muitas entrevistas de testemunhas da época na Rússia, destaca que em setembro, às vésperas da revolução de outubro, a radicalidade das classes populares e a sua insatisfação com o governo provisório e os setores moderados de sua coalizão atingia traços cada vez mais insurrecionais. Cf.: REED, John. *Dez Dias que Abalam o Mundo: o mais célebre relato da revolução russa*. Trad. Armando Gimenez. Porto Alegre: L e PM, 2007. p. 39-41. Quanto ao referido general “Sukhomlinov”, temos informações no já mencionado documento “Os soldados e a revolução”, publicada no *Pravda* de 8 de junho, de que a guarnição de Kiev já havia determinado a sua condenação imediata junto ao czar e outros correligionários, pois eles: “venderam a Rússia”. Cf.: REIS FILHO. *Manifestos...* op. cit., p. 221.

⁴⁴ É importante frisar que nessa época, em outubro, além do periódico *O Debate* ter sido interrompido, o jornal *A Plebe* de São Paulo também saía de circulação, pois foi fechado pela polícia e Edgar Leuenroth foi preso devido à participação dos militantes anarquistas do jornal na greve geral paulista de julho. Cf.: KHOURY. *Edgard Leuenroth, anarquismo...* op. cit., p. 124. Sobre os efeitos deste estado de sítio sobre as organizações operárias ver: CARONE. *A República Velha (evolução política)* op. cit., p. 314. Em relação à continuidade da circulação de *O Cosmopolita* – assim como sobre as repressões decorrentes do estado de sítio –, esses fatos são mencionados pelos autores de “O Ano Vermelho”, onde se aponta que esta publicação foi um dos poucos impressos operários que pode noticiar os fatos relacionados à revolução de outubro na Rússia, ver respectivamente: BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 71; 105. Porém, a exceção para o caso de *O Cosmopolita* não é explicada, mas podemos nos perguntar, a partir dos dados fornecidos por Claudio Batalha, se esta excepcionalidade foi casual ou não. O jornal *O Cosmopolita* era o órgão oficial do Centro Cosmopolita, sindicato dos empregados em restaurantes, hotelaria e congêneres do Rio de Janeiro, fundado em 1903. Ligado portanto ao setor de serviços. Em 25 de julho de 1917, por ordem da polícia durante o movimento grevista no Rio, a associação foi fechada, mas em outubro foi reaberta e ela passou a apoiar o projeto do intendente Ernesto Garcez pela regulamentação dos horários de trabalho do setor – pois desde março daquele ano o sindicato lutava pelo cumprimento da jornada de 12 horas de trabalho. Ernesto Garcez foi intendente municipal da capital carioca naquela época (o que correspondia a um vereador) e manteve relações estreitas com diversas associações operárias ajudando na intermediação dos conflitos entre os grevistas e o Estado – apresentando vários projetos de lei para a regulamentação da jornada de trabalho. Assim, podemos presumir que talvez esta aproximação dos dirigentes do sindicato para

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

Apesar destes dias turbulentos em que se passava a política brasileira, devido ao estado de sítio, a repressão contra um movimento operário efervescente e as polêmicas da guerra mundial, em dezembro, o jornal *O Cosmopolita* publica um pequeno artigo de capa onde, ao se comentar sobre a polêmica figura de Lênin, o autor deixa claro a suspeita de que novos e graves acontecimentos ocorreram na Rússia – assim como expressava desconfiança em relação as informações que eram divulgadas:

Neste momento em que as notícias vindas da lonjinha terra de Gorki são ainda contraditórias, e não deixam prever qual será o resultado da luta final, seja qual for o destino da tremenda peleja, vencedor ou vencido que saías, ó Lênine, o teu nome brilhará de viva luz, e o ideal pelo qual te bates não perecerá, porque é ideal de vida, e a vida se perpetua incessantemente, através do espaço e do tempo.

Anjelo Vizzotto. Poços de Caldas, 15-11-1917.⁴⁵

Anjelo Vizzotto foi um militante que já vinha participando da imprensa operária e anarquista há alguns anos e, ao que tudo indica, parece ser também colaborador de *O Cosmopolita*, apesar de estar indicando Poços de Caldas em Minas Gerais.⁴⁶ É interessante que o seu artigo data de 15 de novembro de 1917, poucos dias após, portanto, a revolução de outubro na Rússia, que, na verdade, ocorreu entre 6 e 7 de novembro.⁴⁷ Assim, com uma defasagem de apenas 8 dias – uma média que podemos constatar nas outras fontes – temos uma ideia do tempo percorrido para uma notícia dar a volta ao mundo no tempo dos telégrafos. Notícias recentes e confusas, quanto mais considerando a guerra de informações no período sobre o assunto, tanto que o autor se expressa: “Nesse momento em que as notícias vindas da longínqua terra de Gorki são ainda contraditórias, e não deixam prever qual será o resultado da luta final [...]” – referindo-se ao escritor russo Máximo Gorki (1868-1936).

Porém, o que nos chama a atenção e o que perseguimos são as “visões” que Anjelo Vizzotto teceu sobre a figura do revolucionário russo Lênin. Afirmando, assim, que

um diálogo com o governo pode ter conferido uma sobrevivência maior ao jornal do órgão. Contudo, é importante esclarecer, portanto, que as posições políticas do Centro Cosmopolita não eram homogêneas, já que a corrente libertária (anarquista) concentrava-se na redação do jornal *O Cosmopolita*, e em 1917 ela não fazia parte da direção do sindicato. Ver especificamente, e respectivamente, os verbetes para “Ernesto Garcez” e “Centro Cosmopolita”, Cf.: BATALHA, Cláudio H. M. *Dicionário do movimento operário*: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 70; 201-203..

⁴⁵ VIZZOTTO, Anjelo. Lênine. *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, p. 1, 1 dez. 1917.

⁴⁶ Podemos constatar a participação de Anjelo Vizzotto na imprensa operária e anarquista, apesar de não termos encontrado referências bibliográficas, por meio da consulta a hemeroteca digital da Fundação da Biblioteca Nacional, onde constatou-se a sua participação em diversos periódicos entre 1909 a 1927. Cf.: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

⁴⁷ Como já mencionamos, havia uma diferença entre os calendários russo e o ocidental. Esta diferença resultava numa defasagem de aproximadamente 13 dias entre o antigo calendário russo (juliano) para o calendário ocidental usado atualmente (gregoriano). Portanto, a revolução de outubro foi assim batizada em referência ao antigo calendário, por ter ocorrido entre os dias 24-25 de outubro, mas na verdade ela ocorreu

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

Lênin, saindo vencedor ou vencido, será lembrado, pois o seu nome “brilhará de viva luz”, no sentido de uma memória que não “perecerá”, já que o seu ideal, o ideal pelo qual luta, é um “ideal de vida” e, como a vida, esse ideal perpetuar-se-á “através do espaço e do tempo”. Estas representações construídas em torno da figura de Lênin, como um “ideal de vida”, como uma “viva luz”, podem estar mais intimamente relacionadas ao imaginário político e à cultura política dos sindicalistas brasileiros, sobretudo àqueles ligados ao anarquismo, do que simplesmente e apenas a uma afinidade ideológica para com o revolucionário russo – até mesmo porque nessa época os anarquistas brasileiros não tinham uma compreensão das diferenças teóricas e doutrinárias que os separavam dos bolcheviques russos, algo que apenas foi compreendido mais tarde, resultando na cisão do movimento operário anarquista. Isso porque no imaginário anarquista a sociedade e a humanidade estariam libertas quando as relações entre as pessoas não fossem regidas por leis impostas autoritariamente, mas pelo mútuo interesse espontâneo entre os indivíduos num contínuo desenvolvimento e reajustes em prol de uma “vida livre”, auxiliados e estimulados pelos progressos da ciência, imaginando uma contínua “evolução” que evitasse a imobilidade e as cristalizações, e entendendo esse processo como um fenômeno da própria natureza.⁴⁸

Sendo assim, podemos pensar o quanto a Revolução Russa excitou e estimulou o imaginário e as representações dos anarquistas no Brasil, considerando o caráter popular e auto gestor que caracterizou os soviets, e o fato da revolução ter derrubado um regime monárquico, despótico e violento como era o czarismo – o que foi visto como um progresso na época. A isso soma-se o prestígio do nome de Lênin no movimento operário internacional no período, personagem que demonstrou uma profunda percepção das condições políticas da Rússia naquele momento – fazendo do partido bolchevique um elemento importante no transcurso dos acontecimentos –, e que tinha dedicado toda a sua vida à militância política pelo socialismo. Por estas razões, houve na época muita desinformação por parte da grande imprensa para difamar a imagem de Lênin, inclusive com a alegação de que ele estava servindo como um espião dos alemães, fator que contribuiu para uma desconfiança maior dos

em 6-7 de novembro de nosso calendário atual. O antigo calendário russo foi abolido e substituído pelo gregoriano em 1918. Cf.: FERRO. *O Ocidente...* op. cit., p. 118-119.

⁴⁸ A respeito da evolução da compreensão sobre o regime bolchevique por parte dos anarquistas brasileiros ver: BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p.152-153, 1980. Em relação a estes aspectos da teoria política do anarquismo Cf.: WOODCOCK, op. cit., p. 23.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

jornalistas operários a respeito do que era divulgado.⁴⁹ Mais um episódio polêmico entre os vários “mitos” que a Revolução Russa no Brasil alimentou entre os militantes.

Considerações Finais

Ao longo deste texto tivemos a oportunidade de realizar uma análise de um pequeno recorte da imprensa operária anarquista sobre a Revolução Russa em 1917, selecionando periódicos significativos de São Paulo e Rio de Janeiro – os dois maiores polos urbanos e industriais do Brasil na época e que concentravam a maior parte do operariado organizado e deste tipo de impresso. Ao sintetizarmos as considerações sobre a análise destas fontes, podemos constatar que a influência dos condicionamentos estruturais da sociedade e da política brasileira na época, assim como a conjuntura dos acontecimentos do momento incidiram diretamente sobre nossas fontes. O clima de agitação do operariado contra a guerra mundial; a tensão social decorrente dos movimentos grevistas; a crise econômica gerada pela situação internacional que afetou as camadas pobres urbanas; as lutas políticas do movimento operário e a repressão política estatal contra as suas organizações, tudo isso, constituíram-se em elementos que fizeram parte, como dissemos, do ambiente psicossocial que moldou, de certa forma, a maneira como eram abordadas as notícias, e como eram transmitidas e publicadas as percepções e apreciações sobre a Revolução Russa nas páginas desta imprensa.

Assim, procuramos demonstrar como estas folhas anarquistas apresentaram os eventos russos a partir de “seu próprio filtro”, ou seja, a partir do ponto de vista das camadas de trabalhadores urbanos ligados ao movimento operário e suas organizações (sindicatos, associações e imprensa). Portanto, constituíram-se em interpretações e abordagens das notícias que foram influenciadas diretamente pelas lutas políticas, pelas privações materiais e perseguições que estas camadas sociais sofriam. A maneira como a Revolução Russa foi noticiada e comentada constitui-se na forma como este evento repercutiu nestes setores, e, ao compararmos com os fatos tal como ocorreram na Rússia, acabamos por fazer uma “história midiática”, onde a percepção sobre a realidade de um evento se expressou por “representações” que constituíam a maneira como estes militantes e editores operários perceberam e sentiram estes eventos aqui no Brasil. Tudo isso, dentro das limitações e das condições técnicas de acesso às notícias internacionais na época e da guerra de informação e

⁴⁹ Sobre a importância de Lênin e as polêmicas a seu respeito na época Cf.: HILL, op. cit., p. 43. Polêmicas estas sobre ele que também repercutiram, e se repetiram, portanto, na imprensa brasileira, Cf.: BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 89-90.

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

desinformação que envolveu o entendimento sobre a Rússia, devido aos interesses econômicos e políticos em jogo.

As vitórias populares e operárias na Rússia empolgaram estes setores que se interessaram diretamente por estes eventos. Com isso, além das influências conjunturais em suas representações, ainda devemos considerar a cultura operária brasileira daquele momento, que igualmente foi um fator importante. As condições políticas vigentes no Brasil associadas à ideologia anarquista fizeram expressar uma identidade militante associativista, antiparlamentar e de profunda desconfiança em relação às instituições do Estado e seus representantes. Por isso, a identificação desta imprensa com as conquistas trabalhistas na Rússia realizadas pelos soviets – que eram instituições espontâneas, populares e não estatais. Assim também como a condenação das autoridades do Estado como uma “lição”, como no caso do general Sukhomlinov na Rússia – haja vista que as autoridades policiais e militares brasileiras eram igualmente violentas e extremamente repressivas com o movimento operário.

Dessa maneira, os imaginários políticos expressos nesta imprensa, imaginários estes que são formas de representações que se apresentaram a partir de imagens e mitos sobre os eventos russos, manifestaram uma identificação das lutas dos trabalhadores do Brasil com as lutas que se travavam na Rússia, enxergando na revolução deste país a concretização das aspirações e visões de mundo dos próprios militantes operários ligados a esta imprensa. Alguns exemplos destes tipos de representações que constituíram estes imaginários encontramos nas visões da Rússia revolucionária, como a de um processo de “marcha para o progresso” no caminho para a “fraternidade e a justiça”, como revela o artigo de Alfredo Villa Sêcca publicado em *A Plebe*. Ou ainda, na visão desta revolução como sendo a “maior dos tempos modernos” e de um “grande surto libertário”, entendendo-a como imbuída nas ideias anarquistas, a exemplo do artigo sobre Kerensky em *O Debate*.

É interessante o exemplo do artigo de Anjelo Vizzotto sobre Lênin, onde se expressou uma imagem do comunista russo como um “ideal de vida” e de “viva luz”. Como vimos, estas representações de “vida” e de “luz” podem estar relacionadas com a visão naturalista de progresso do anarquismo, assim como a sua identificação pela luta social associada à imagem de Lênin. No entanto, é pertinente observarmos que o autor vincula Lênin a um “ideal que não perecerá”, pois este se “perpetuará incessantemente” como a vida, “através do espaço e do tempo”. Isso é relevante, pois pode demonstrar que apesar das posições e interpretações racionalistas, ateias e seculares do pensamento anarquista nós podemos encontrar ecos e traços de um certo messianismo. Algo peculiar e singular, que revela a diversidade e os traços específicos de como a Revolução Russa de 1917 repercutiu,

Outros Tempos, vol. 16, n. 27, 2019, p. 1 - 25. ISSN: 1808-8031

inicialmente, na imprensa dos setores anarquistas das organizações operárias e trabalhistas destes trópicos, cultivando profundas esperanças na futura revolução proletária que poderia chegar no Brasil.